

Crítica Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte

Por Ursula Rösele
Filmes Polvo

O cineasta Cao Guimarães parece ter um gosto – ou o dom – pela descoberta do acaso. Em *Peiote*, em pleno México, ele abandona um olhar documental de uma dança típica para enquadrar os dançarinos da cintura para baixo, de onde se pode ver uma criança de cerca de três anos totalmente imersa na cerimônia.

Através de um trato interessante com o som (que, com vários efeitos e distorções, constitui um discurso próprio, alheio ao que seria o som direto ou “original” do acontecimento) e a cor, Cao provoca sensações que estão para além do sentimento literal que uma filmagem documental daquele momento causaria. Posiciona sua câmera na altura da criança, observando de maneira muito curiosa a sua entrega sem ao menos perceber o registro do diretor.

Seu interesse não é o olhar puramente histórico à manifestação regional daquele povo, mas em uma criança de calça jeans, totalmente familiarizada com um ambiente do qual parece não pertencer, numa entrega cuja pureza da infância é percebida através do olhar cuidadoso de Cao Guimarães para as sutilezas de um mundo que provavelmente jamais seria enquadrado daquela forma.